Curso de Teologia da Unicap | PPGTEO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA DA UNICAP | UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO

O SIGNIFICADO DE JUSTO NO LIVRO DA SABEDORIA E NA OBRA DE LUCAS

Washington Cândido Monteiro da Silva[1]

Resumo

A presente comunicação tem por finalidade analisar os diferentes significados do termo "justo" aplicado no livro da Sabedoria e na qualificação de Jesus em Lucas e Atos dos Apóstolos. Em se tratando de uma pesquisa bibliográfica, recorreu-se aos textos bíblicos e às contribuições de Maria Nivaneide de Abreu Lima, Rinaldo Fabris e Anthony Ceresko. O estudo comparativo da ocorrência do vocábulo "justo" em Sabedoria e Lucas-Atos evidencia seu enriquecimento semântico ao longo da trajetória da Bíblia, bem como a decisiva influência da imagem da pessoa justa de Sabedoria na novidade do Jesus justo da obra lucana.

Palavras-chave: Justo. Justiça. Sabedoria. Lucas-Atos.

1 INTRODUÇÃO

A identificação de Jesus como justo em Lucas-Atos está intimamente ligada à tradição veterotestamentária, especialmente ao livro da Sabedoria, escrito na mesma língua do Novo Testamento. Em Sabedoria, justo é aquele que teme a Deus, confia-se a Ele, não blasfema contra o Senhor e nem trama o mau contra o semelhante. O justo oprimido é o modelo de todos os israelitas que observam fielmente a Lei e vivenciam a justiça (Lima, 2021, p. 49).

O sentido desse termo, aplicado a Jesus no Evangelho de Lucas, deve ser analisado a partir dos diferentes contextos que possibilitam tal designação pelo autor. Considerando-se a conexão entre as personagens justas que antecedem Jesus, tanto em Lucas quanto no Antigo Testamento, e a novidade da releitura lucana, chega-se a constatação de que Jesus,

[1] Possui graduação em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco (2022). Graduando em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco. E-mail: washingtonmonteiro10@gmail.com

apresentado como o justo, é "o exemplo perfeito de retidão e justiça" (Lima, 2021, p. 78).

À vista disso, este trabalho visa examinar as nuances semânticas do termo "justo" no livro da Sabedoria e nos textos de Lucas que atribuem esse adjetivo a Jesus. A análise comparativa dos significados dessa palavra em diferentes contextos permitirá compreender as correspondências e aprimoramentos dos conceitos.

2 AS POLISSEMIAS E COESÕES DO TERMO "JUSTO" NO LIVRO DA SABEDORIA

O emprego do vocábulo grego *díkaios*, que se traduz por justo em todo o livro da Sabedoria, aparece 27 vezes em toda a obra, e representa uma imagem de valor fundamental, juntamente com a temática da justiça, as quais se inserem em toda a tradição reflexiva do Antigo Testamento (Lima, 2021, p. 41-42). Proveniente, por sua vez, do adjetivo hebraico *tsaddiq*, e traduzido pelo termo grego *díkaios*, na Septuaginta, a interpretação sobre o justo no livro da Sabedoria assume a compreensão do ser humano que se apresenta íntegro e honesto diante de Deus e de seus semelhantes, praticando a retidão mediante a fiel observância dos mandamentos de Deus e a conduta misericordiosa (Lima, 2021, p. 20-23).

Em sua análise sobre a imagem do justo que se depreende do livro da Sabedoria, Lima empreende uma argumentação assentada sobre quatro postulados, a fim de se chegar à compreensão polissêmica e integrante do termo *díkaios*, em seus diferentes usos:

> [...] o justo vive conforme os sete imperativos da "Exortação para amar a justiça" (Sb 1,1-12); a imagem do justo é apresentada nos dois discursos dos ímpios (Sb 2,1b-20; 5,1-23); a imagem do justo emerge na reflexão sobre a "Revelação dos paradoxos desta vida" (3,1–4,20); e, por fim, a imagem do justo de Sabedoria inspira-se nos sete justos retomados em Sb 10,1-11,1, a saber: Adão, Noé, Abraão, Lot, Jacó, José e o povo de Israel" (Lima, 2021, p. 42).

A começar pelo primeiro tópico desse estudo, que será fundamentado por Lima (2021, p. 43-46), constata-se que, já na perícope introdutória do livro

da Sabedoria (Sb 1,1-15), o autor sagrado exorta os seus leitores ao amor e à prática da justiça. Os sete imperativos presentes no texto expressam a necessidade de uma tomada de posição da parte dos destinatários dessa exortação – os que governam as nações (Lima, 2021, p. 43) – em favor da busca sincera de Deus por uma vida de retidão. O amante da justiça, que procura a vida por meio de uma conduta irrepreensível, na abertura confiante do próprio coração a Deus e no trato honroso para com o próximo, é, pois, o justo, cujo destino é a imortalidade (Ceresko, 2004, p. 164).

Num segundo momento, após a idealização do justo em Sb 1,1-15, chega-se à sua imagem a partir de dois discursos pronunciados pelos ímpios (Sb 2,1b-20; 5,4-13), os quais retratam "dramaticamente a luta entre o bem e o mal, na qual os protagonistas são os ímpios, enquanto o justo ou os justos assumem um papel passivo" (Lima, 2021, p. 46). No momento ápice do primeiro discurso (Sb 2,10-16), os planos perversos dos malvados contra os honestos e pobres expressam o "agudo contraste entre esses dois grupos opostos" (Ceresko, 2004, p. 163), ao mesmo tempo que fazem notar pela primeira vez a utilização da palavra grega *díkaios* no livro da Sabedoria (Lima, 2021, p. 47): "Oprimamos o justo pobre" (Sb 2,10). O modo de proceder dos justos, cuja orientação é a Lei e a relação filial com Deus, se contrapõe à atividade dos ímpios (v. 12), os quais buscam pelas vias mais hediondas a destruição dos que conhecem o Senhor (v. 13), haja vista que "optam pela injustiça, e mesmo pela pura violência, como opção viável" (Ceresko, 2004, p. 165). No que se refere ao segundo discurso (Sb 5,4-13), comparando-o com o primeiro, nota-se a posição de vítima da pessoa justa, alvo da ignomínia promovida pelos ímpios (v. 4), semelhante ao que se encontra em Sb 2,10-12.

Lançando o olhar sobre as conclusões do estudo feito por Lima (2021, p. 49-51), acerca da representação do justo, a partir do terceiro postulado supracitado, apoiado em Sb 3,1–4,20, nota-se a centralidade de três paradoxos inferidos da sorte dos que possuem a virtude e a sabedoria: a incidência do sofrimento em suas vidas (Sb 3,1-12), a sua esterilidade (Sb

3,13–4,6) e morte prematura (Sb 4,7-20). Enquanto o julgamento dos ímpios afirma que a morte dos justos é "tida como uma desgraça" (Sb 3,2), ou consequência de um castigo, o justo tem plena ciência de que a sua vida "está nas mãos de Deus" (v. 10). Ao pensamento de que a esterilidade seria uma maldição divina, o autor do livro da Sabedoria responde "que a falta de filhos não constitui uma maldição, visto que o verdadeiro fruto da vida é a virtude, reconhecida por Deus e pelos homens" (Lima, 2021, p. 51). A morte prematura também não constitui uma punição para o justo, pois a verdadeira longevidade é aquela que é medida por "uma vida imaculada" (Sb 4,9). Isso só pode ser entendido mediante a consideração de um desígnio de amor de Deus em relação àquele que lhe é agradável.

A imagem do justo que se apreende do último texto proposto por Lima (2021, p. 51-53), presente em Sb 10,1–11,1, o qual se caracteriza por compor uma retrospectiva da ação da sabedoria na história do mundo e de Israel, retoma os atributos que distinguem uma pessoa justa, já mencionados anteriormente (Lima, 2021, p. 52). Tais atributos são aplicados a algumas personagens notáveis do Antigo Testamento, que gozaram dos favores da sabedoria: Adão (Sb 10,1), Noé (v. 3), Abraão (v. 5), Ló (v. 6), Jacó (v. 10), José (v. 13) e "o povo de Israel sob a condução de Moisés" (Lima, 2021, p. 53) (Sb 10,15–11,1). Na linha interpretativa da utilização do termo justo, o significado que se lhe atribui no presente momento é o "de alguém que conta com o favor de Deus" (Lima, 2021, p. 53).

3 Os significados do Jesus justo em Lucas e Atos dos Apóstolos

Dentre as diversas aplicações do adjetivo *díkaios* em Lucas-Atos, assume particular enfoque a qualificação de algumas personagens que integram as narrativas dos capítulos 1, 2 e 23 do Evangelho de Lucas e do capítulo 10 dos Atos dos Apóstolos: Zacarias, Isabel, Simeão, José de Arimatéia e Cornélio (Lima, 2021, p. 74). Tais personagens neotestamentárias são figuras modelares de todos os que observam com piedade e retidão os preceitos de Deus, em sintonia com aqueles que personificaram o ideal de

justiça no Antigo Testamento (Lima, 2021, p. 74). Dando continuidade à análise do emprego de *díkaios*, a exposição de Lima (2021, p. 74-78) se detém sobre a adjetivação de Jesus como justo na obra lucana, o que, segundo a autora, "ocorre na declaração do centurião, em Lc 23,47; no discurso de Pedro ao povo, junto ao pórtico de Salomão (At 3,14); no discurso de Estevão (At 7,52); e no discurso de defesa de Paulo aos judeus de Jerusalém (At 22,14)" (Lima, 2021, p. 74).

No contexto da perícope de Lc 23,47-49, que narra os momentos posteriores à morte de Jesus na cruz, de cuja centralidade temática brota o "anúncio paradoxal da salvação" (Fabris, 1992, p. 235), a profissão de fé que brota dos lábios do centurião romano – "Realmente, este homem era justo!" (Lc 23,47) – possibilita o questionamento sobre o significado do vocábulo *díkaios* atribuído a Jesus nesse momento particular, o que será realizado a partir de duas interpretações: 1) Jesus é inocente em meio a um processo condenatório injusto (Lima, 2021, p. 75), o que é testificado pelo centurião, "que reconhece a ação de Deus e, como testemunha oficial, proclama pela última vez a inocência de Jesus" (Fabris, 1992, p. 235); 2) Jesus é *díkaios* enquanto homem íntegro e reto, correspondendo assim à imagem do "justo sofredor dos Salmos e de Isaías (Is 52,13–53,12)" (Lima, 2021, p. 75) e ao "horizonte da tradição bíblica" (Lima, 2021, p. 75). Brown (2011, apud LIMA, 2021, p. 75-76) considera que a mudança da expressão presente no Evangelho segundo Marcos (Mc 15,39) feita pelo autor de Lucas-Atos, de filho de Deus para justo, evidencia uma linha teológica lucana bem definida, que pretende destacar, entre outras coisas, "os ecos bíblicos de *díkaios*", como, por exemplo, os que estão presentes em Sabedoria (Sb 2,18; 3,1) e Isaías (Is 53,11).

O discurso pronunciado por Pedro ao povo reunido no Templo em At 3,11-26, contém a segunda designação de Jesus como justo, na parte denominada de "parêntese querigmático" (Fabris, 1991, p. 88), tendo em vista a proclamação do "anúncio da morte e ressurreição de Jesus (3,14-15)" (Fabris, 1991, p. 88): "Vós acusastes o Santo e o Justo, e exigistes que fosse

agraciado para vós um assassino [...]" (At 3,14). Na interpretação realizada por Pedro do feito miraculoso que favoreceu o que fora paralítico, nota-se a leitura do evento da morte de Jesus segundo a ótica da teologia de Lucas (Fabris, 1991, p. 88) e um forte "contraste entre a negação de Jesus, o justo e santo, por parte dos judeus, e o pedido de graça por um assassino, Barrabás" (Fabris, 1991, p. 88), o que acentua a culpabilidade ignorante dos que rejeitaram Jesus e investiram contra a sua vida. A intitulação de Jesus como justo, de acordo com Fabris (1991, p. 37), reflete a vastidão de adjetivações da sua personalidade histórica, que abarca e atualiza definitivamente todos os "modelos e imagens bíblicas, cristalizadas frequentemente num título" (Fabris, 1991, p. 37): a sua justiça deve ser compreendida em referência aos "grandes personagens bíblicos, em particular Davi e o profeta ideal celebrado no canto do Segundo Isaías" (Fabris, 1991, p. 37).

Na parte conclusiva do discurso dirigido por Estevão ao sumo sacerdote e aos demais membros do sinédrio, nota-se a terceira designação de Jesus por justo: "A qual dos profetas vossos pais não perseguiram? Mataram os que prediziam a vinda do Justo, de quem agora vos tornastes traidores e assassinos [...]" (At 7,52). Todo o traçado histórico-teológico que caracteriza esse discurso enfatiza a solidariedade e protagonismo de cada homem e mulher na construção de uma narrativa vital, em que estão entrelaçadas as atitudes de fidelidade ou infidelidade ao projeto divino (Fabris, 1991, p. 139-140). Aos seus interlocutores, Estevão dirige palavras de repreensão, posto que repetem "a atitude de obstinada e cega rebelião de seus predecessores" (Fabris, 1991, p. 140), a qual obstaculiza o reconhecimento do *díkaios* "preanunciado por todos os profetas e que eles traíram e mataram (7,51-53)" (Fabris, 1991, p. 140). Ademais, Jesus, o Justo, mediante a sua morte violenta, torna-se "modelo dos mártires" (Fabris, 1991, p. 135), comunicando a salvação de Deus à "história de contradições humanas" (Fabris, 1991, p. 144).

Chega-se ao último excerto bíblico da obra lucana que aplica a Jesus a denominação de justo, desta vez nas palavras que compõem a autodefesa de Paulo "perante os judeus de Jerusalém" (Fabris, 1991, p. 388). Verifica-se o uso do termo *díkaios* no centro do seu discurso, quando ele discorre sobre "a experiência de Damasco e encontro com Ananias" (Fabris, 1991, p. 388), entre a apresentação que faz de si mesmo, a começar pela sua identificação como judeu zeloso, e a revelação recebida por ele enquanto orava no templo, e que o impulsionará à evangelização dos gentios. Das palavras proferidas por Ananias, fiel servidor da Lei que gozava do respeito dos judeus de Damasco, Paulo acolhe a grande motivação do seu ministério apostólico: "Ele disse então: 'O Deus de nossos pais te predestinou para conheceres a sua vontade, veres o Justo e ouvires a voz saída de sua boca.'" (At 22,14). O encontro de Paulo com o "Messias Jesus, o Justo, perseguido, mas glorificado por Deus" (Fabris, 1991, p. 391) lhe possibilitará exercer com credibilidade e autoridade a sua missão de testemunhar a salvação de Deus a todas as nações.

4 O JUSTO DE SABEDORIA VERSUS O JESUS JUSTO DA OBRA LUCANA

A compressão do ser justo ganhou, no decorrer da composição dos livros da Escritura, "novas acepções e nuances semânticas" (Lima, 2021, p. 80). Tal atestação, necessária ao empreendimento de uma investigação acerca das continuidades e descontinuidades entre o livro da Sabedoria e Lucas-Atos, possibilitou uma análise da relação da temática da justiça e do uso do vocábulo justo, tão recorrentes nas duas obras (Lima, 2021, p. 82). Destacam-se, nesse esforço de análise, correspondências relevantes, como a existência de um elenco de pessoas justas que observaram fielmente a Lei, sendo assim consideradas como modelos "do ideal do justo veterotestamentário" (Lima, 2021, p. 86). As características do ser justo, atribuídas às personagens já mencionadas no presente texto, recaem particularmente sobre Jesus, "personagem central da história da salvação" (Lima, 2021, p. 89): ele é o *díkaios*, considerando-se que viveu a integridade e

a honestidade dos que temem a Deus, entregando-se filialmente em suas mãos (Lima, 2021, p. 89). Não se pode negar, pois, o alargamento de sentido conferido ao vocábulo justo em ambas as passagens do Evangelho de Lucas e dos Atos dos Apóstolos, assim como se constatou a recuperação dos significados próprios da tradição anterior em torno do ser justo, nas suas ocorrências em Sabedoria.

O estudo comparativo feito por Lima, que intenta destacar as aproximações entre as duas imagens de justo presentes em Sabedoria e Lucas-Atos, põe em relevo o episódio da morte de Jesus (Lc 22,39–23,56), considerando-o como marco referencial para a sua qualificação como justo, primeiramente pela declaração do centurião e, a partir dela, em outras duas ocasiões em Atos dos Apóstolos (Lima, 2021, p. 90). Segundo a autora, a proclamação que saiu dos lábios do centurião foi uma consequência de ter presenciado e visto a forma como Jesus se comportou frente à morte iminente: serena e piedosamente, confiando o seu espírito a Deus (Lima, 2021, p. 90). Desse modo, no cenário narrativo da paixão se reflete todo o influxo luminoso do *díkaios* de Sabedoria sobre o Jesus justo de toda obra lucana (Lima, 2021, p. 90). Na atribuição a Jesus do qualificativo de justo está subentendida "sua inocência, mas também sua honradez, retidão, integridade, autenticidade religiosa e pertença ao povo de Deus" (Lima, 2021, p. 91).

Em seu empenho por apresentar as semelhanças e dessemelhanças entre as imagens do justo nas duas obras, Lima (2021, p. 92-98) salienta dois pontos de correspondência e um de divergência. O primeiro argumento de aproximação coloca Jesus, tal como é apresentado no relato lucano da paixão, na linha da tradição do justo sofredor, perseguido por se dizer filho de Deus, da mesma forma como o justo dos cinco primeiros capítulos de Sabedoria, o qual aparece numa atitude de firmeza diante da ameaça dos ímpios (Lima, 2021, p. 92). O fato de Jesus afirmar a sua condição de filho de Deus marca o segundo ponto de ligação entre as duas concepções de justo, a de Sabedoria e Lucas-Atos: a autora conclui que "há uma

correlação entre justiça e filiação divina, que resulta na figura do justo-filho de Deus" (Lima, 2021, p. 96). Por último, a peculiaridade de Jesus em sua atitude de petição e preocupação pelos outros, mesmo em meio à sua dramática condição de vítima de uma injustiça, realça o prolongamento da sua missão de salvação e libertação, o que será assumido "como principal elemento de diferenciação [...] entre as obras" (Lima, 2021, p. 96).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão sobre o ser justo e a riqueza conceitual do vocábulo díkaios, utilizado no livro da Sabedoria e em Lucas-Atos, corrobora ao entendimento de uma permanência e evolução temática ao longo da história da formação dos textos das Sagradas Escrituras. Através da análise das ocorrências do termo justo nas duas obras, chega-se à atestação da decisiva influência da imagem da pessoa justa, idealizada pelo autor de Sabedoria, na representação lucana do Jesus justo, assim reconhecido pelo centurião romano logo após a consumação do seu sofrimento na cruz (Lc 23,47), e confessado na profissão de fé apostólica da jovem comunidade cristã retratada nos Atos dos Apóstolos (At 3,14; 7,52; 22,14).

No livro da Sabedoria, a opção de submeter-se aos mandamentos de Deus e de trilhar caminhos de vida e não de morte ou perversidade, assumida pelo justo, e reforçada nos quatro imperativos supracitados, culmina com a ênfase dada ao justo como aquele que se mantém fiel na prática da justiça, mesmo em meio a perseguições ou adversidades. Já a obra lucana, ao focalizar a adjetivação de Jesus como justo, atesta o peso da palavra *díkaios* em sua teologia e na inteira trajetória da Bíblia. Desse modo, Jesus compendia em si as polissemias do ser justo, ao mesmo tempo que eleva ao máximo, por sua existência toda consagrada ao projeto salvífico, que extrapola os limites de uma simples continuidade de um mesmo propósito ético-religioso, o patrimônio de significados da imagem do justo.

REFERÊNCIAS

Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

CERESKO, Anthony R. *A sabedoria no Antigo Testamento*: espiritualidade libertadora. São Paulo: Paulus, 2004.

FABRIS, Rinaldo. *Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Loyola, 1991.

FABRIS, Rinaldo. O Evangelho de Lucas. In: FABRIS, R.; MAGGIONI, B. *Os Evangelhos (II)*: Lucas e João. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1992.

LIMA, Maria Nivaneide de Abreu. "*Verdadeiramente este homem era justo" (Lc 23,47)*: a releitura lucana da imagem do justo presente no Livro da Sabedoria. Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Teologia. Recife, 2021.